

EVIDÊNCIAS DE APROPRIAÇÃO/RETEXTUALIZAÇÃO DA COLETÂNEA EM REDAÇÕES DO VESTIBULAR DA UFG

Nome: Alessandra de Nazaré Costa Alves – FL-UFG e-mail: relanga@hotmail.com

Dra: Eliana Melo Machado Moraes – FL-UFG e-mail: eliana_ufg@hotmail.com

Introdução

Parece plausível dizer que a efetiva leitura de um texto não se restringe e tampouco se limita à decodificação de palavras ou frases. Ler efetivamente, antes de mais nada, é responder ativamente ao lido. A esse processo Bakhtin (2003) dá o nome de *atitude responsiva* e, além disso, diz que toda compreensão real, além de ser ativa é, antes uma forma de resposta a enunciados anteriormente ditos.

Sendo assim, pode-se afirmar que todo o discurso e, também a materialização desse – o texto – são uma resposta a enunciados anteriores. Ademais, quando o educando escreve um texto na escola, sua escrita não responde somente ao que lhe pediu o professor, logo a interlocução não se realiza apenas entre educando e educador. Esse ato de escrever é, ainda, uma prática social e discursiva (Marcuschi, 2007) que, por isso mesmo, também se configura em uma resposta a todas as vivências extra-linguísticas que o aluno possui. Tais experiências são abordadas, revisitadas, refletidas e refratadas não somente nas escritas escolares, mas inclusive no momento em que se produz o texto exigido na prova de Redação no Vestibular.

Assim, partindo desse pressuposto e também no de que não há escrita sem leitura(s) – tanto a da escrita quanto a de mundo, uma vez todo o enunciado responde a outro anterior ou uma série deles, decidi investigar o uso da coletânea de textos em redações de vestibular. Mais precisamente: identificar evidências de apropriação e/ou a retextualização da coletânea textual em produções escritas em vestibulares.

Antes de mais nada, é salutar esclarecer que a citação da coletânea (e não a cópia) é obrigatória aos candidatos ao ingresso no UFG pois, como se disse anteriormente, não há escrita sem leitura. Assim sendo, a hipótese que motiva essa pesquisa é a de que o que se lê nas produções textuais dos candidatos não seria uma reprodução literal do que diz a coletânea ou ainda, se há uma retextualização do que ele se apropria da coletânea.

Material

O *corpus* da pesquisa são 225 redações escritas por candidatos inscritos no vestibular 2010/1 da UFG. Nesse processo seletivo, a prova de redação teve o seguinte tema: *Pânico Moral: estratégia para promover a qualidade de vida ou para controlar a sociedade pelo medo*. A coletânea textual dava subsídios ao candidato para que ele pudesse tanto ter uma ampla definição do que seria pânico moral, como abordar o tema a partir de uma dupla estratégia: uma forma de promover a qualidade de vida ou de controlar a sociedade pelo medo.

As produções foram solicitadas junto ao CL. Essa solicitação foi feita com base na tabela disponibilizada pela Universidade e que explicita os critérios de correção da redação. Segundo eles, cinco são os desempenhos possíveis de serem alcançados pelo candidato: nulo, fraco, regular, bom e ótimo. Foram solicitadas 45 provas de cada conceito, sendo 15 de cada gênero para que se pudesse buscar as evidências de apropriação/retextualização da coletânea.

Metodologia

Essa investigação tem um cunho predominantemente qualitativo. Vale ressaltar também que essa pesquisa terá como foco o texto escrito pelo candidato e a interação que ambos têm com o que diz a coletânea. Buscarei, “pistas talvez infinitesimais permitem captar uma realidade mais profunda, de outra forma inatingível” (GINZBURG, 2003, p.150). Dessa maneira, acredito ser possível investigar a apropriação que o candidato faz da coletânea e também o modo como ele a retextualiza, fornecendo evidências de uma resignificação do discurso.

Assim, para a análise do texto do candidato como um processo, utilizarei um instrumento conhecido como *paradigma indiciário* que investiga os momentos os quais antecedem colocação do ponto final que, em tese, finalizaria um texto. Irei, portanto, em busca de “um modelo epistemológico, fundado no detalhe, resíduo, no episódico, no singular” (ABAURRE, FIAD, MAYRINK-SABINSON,1997, p.14) para que se possa “formular hipóteses explicativas interessantes para aspectos de realidade que não são captados diretamente, mas, sobretudo, recuperáveis através de sintomas, indícios.” (ABAURRE, FIAD, MAYRINK-SABINSON,1997, p.15).

Assim, a tabela a seguir foi por mim elaborada por ocasião da solicitação das produções a serem estudadas junto ao CL, Centro de seleção da UFG. Tal quadro descreve as quantidades solicitadas, somatória que foi subdividida entre cada um dos cinco desempenhos possíveis e gêneros disponíveis na prova de redação. Assim, foram

requisitadas 45 produções para cada desempenho, sendo 15 de cada um dos gêneros apresentados na prova de redação – reportagem, crônica e carta de leitor.

| Crítérios | Desempenho/Quantidades | | Gêneros | Quantidades |
|------------------|-------------------------------|----|-----------------|--------------------|
| Nulo | 0 | 45 | Carta de Leitor | 15 |
| | | | Reportagem | 15 |
| | | | Cônica | 15 |
| Fraco | 2 | 45 | Carta de Leitor | 15 |
| | | | Reportagem | 15 |
| | | | Crônica | 15 |
| Regular | 4 | 45 | Carta de Leitor | 15 |
| | | | Reportagem | 15 |
| | | | Crônica | 15 |
| Bom | 6 | 45 | Carta de Leitor | 15 |
| | | | Reportagem | 15 |
| | | | Cônica | 15 |
| Ótimo | 8 | 45 | Carta de Leitor | 15 |
| | | | Reportagem | 15 |
| | | | Cônica | 15 |

Tabela 2

B- Adequação à coletâneaⁱ

| Desempenho | Critério | Pontos |
|-------------------|--|---------------|
| Nulo | <ul style="list-style-type: none"> - Fuga ao tema (anula a redação). - Desconsideração das informações da coletânea. | 0 |
| Fraco | <ul style="list-style-type: none"> - Uso inapropriado ou mínimo das informações da coletânea. - Emprego excessivo de elementos transcritos da coletânea. | 2 |
| Regular | <ul style="list-style-type: none"> - Uso limitado das informações da coletânea (parcial e superficial). - Uso de transcrição e de paráfrases comprometendo o desenvolvimento do projeto de texto. - Leitura ingênua (aproveitamento limitado das informações da coletânea e dos pontos de vista presente na coletânea). | 4 |
| Bom | <ul style="list-style-type: none"> - Uso satisfatório das informações da coletânea (abrangente e interpretativo). - Percepção pressupostos e subentendidos. - Citação direta e indireta (paráfrase) consistente com o projeto de texto. - Identificação dos pontos de vista presentes na coletânea. - Indícios de intertextualidade. | 6 |
| Ótimo | <ul style="list-style-type: none"> - Extrapolação da leitura da coletânea: relação entre as informações coletânea e outras fontes de referência (intertextualidade e interdiscursividade). - Uso de citação direta e indireta (paráfrase), de modo a valorizar o projeto de texto. - Percepção e exploração de pressupostos e subentendidos. - Leitura crítica (relação entre a informações e pontos de vista) | 8 |

Quanto à seleção do material a ser analisado, nesse quesito cabem algumas observações sobre os critérios os quais nortearão essa seleção. São eles:

- Citação da coletânea: nesse critério, será analisado se o aluno mencionou a coletânea e a maneira como ele o fez. Essa citação foi apenas uma reprodução? Ou, ao contrário, houve retextualização, uma desestabilização do *já dito* e o estabelecimento de uma contrapalavra por parte do aluno? Ou seja, nesse ponto, o que seria relevante verificar se o aluno orientou-se em relação à enunciação do lido. Além disso, mais do que uma citação direta ou paráfrase, existiu um diálogo entre o texto, a contrapalavra do aluno e a coletânea? Já nos casos em que não ocorre a citação da coletânea, busca-se levantar hipóteses que nos ajudem a compreender melhor como e por que isso ocorre.

- Cópia parcial ou literal da coletânea: nesse quesito, enquadram-se aqueles candidatos que realizaram a cópia, ou seja, uma reprodução literal da coleção de textos apresentada no vestibular. Nesse contexto, serão levantadas hipóteses que justifiquem tal reprodução, assim como também procurarei investigar sobre a maneira como essa cópia ocorreu. Serão investigados, então, mais do que aspectos formais, mas aspectos que levem à reflexão sobre a não apropriação/retextualização do lido e ainda as escolhas lexicais, lingüístico-discursivas dos educandos.

Vale ressaltar que não tenho o objetivo de julgar qual seria a *avaliação* do examinador ao atribuir determinadas notas às produções textuais. O que, na verdade, pretendo é, recuperar, por meio do texto, prováveis inferências, relações cognitivas de efeitos de sentidos produzidos efetivamente na escrita textual que sugiram (ou não) a retextualização do que foi lido pelo candidato. Serão, portanto, levadas em consideração antes as estratégias lingüístico-discursivas que possam ter colaborado para que o candidato tenha sido avaliado com determinado conceito do que a nota em si.

Resultados, discussões e conclusões

A noção de que “Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar seu lugar adequado no contexto correspondente” (p. 131) é a base de minhas reflexões. Somente a partir de uma compreensão ativamente responsiva é possível ressignificar o discurso, produzindo o novo e fornecendo uma *contrapalavra*, uma retextualização do lido.

Assim, à princípio – uma vez que a instigação ainda não foi encerrada – seria possível dividir as produções em estudo em três grandes grupos: aqueles que não ressignificam o discurso e não produzem algo de novo diante do que leram. Aqui se enquadrariam aquelas produções em que o candidato ou copiou a coletânea, ora a mencionou de forma insatisfatória; aqueles em que há uma *tentativa*, ainda que limitada, coletânea e, por fim, aqueles que extrapolam os limites de ressignificação da dos textos lidos.

Nesse ponto dois casos merecem destaque. O primeiro seria de um candidato que reproduziu literalmente metade de um dos textos da coletânea e o apresentou como sendo um texto seu. Além disso, o título da redação era outra reprodução: a do tema exigido na redação.

Nesse sentido, um questionamento fundamental deve ser feito: a coletânea foi usada a serviço do texto desse candidato? Certamente não. Ademais, o levantamento de algumas hipóteses podem nos ajudar a entender o porquê esse fato ocorreu. A coletânea, em lugar de servir como gênero discursivo catalisador (SIGNORINI, 2006), fornecendo subsídios para o aluno discorresse mais e melhor sobre o tema, ela apareceu como uma forma apagamento, de substituição da voz do autor. Ele provavelmente estava ciente de que deveria mencionar a coletânea, sob pena de ver eliminado do concurso.

Segundo Bakhtin, a (re)significação é um efeito da interação entre os interlocutores e isso certamente não ocorreu. O candidato não teve condições de responder ativa e satisfatoriamente ao que leu na coletânea e não viu outra alternativa a não ser a de reproduzi-la, pois, de fato, deveria escrever algo na folha em branco.

Já no caso da extrapolação dos limites do que foi mencionado na coletânea, note-se que o candidato, em geral demonstrou acionar estratégias de cognição eficazes e que vão além do que está explicitado no texto. Pode-se citar o exemplo do aluno que correlacionou pânico moral com “estado mental coletivo e ao seu uso pouco ético pelos meios de informação”. Esse enunciado nos fornece evidências de autoria, suscita o novo e vai além do código linguístico.

Por isso mesmo, outra habilidade é exigida do aluno quando ele lê os textos contidos na prova de redação é: *o que faço com tudo isso? Como articular as idéias contidas na coletânea com o que desejo escrever?* Ao que parece, é essa a grande dúvida dos candidatos. Como se vê, a simples decodificação do código lingüístico não basta para que se leia, de fato, um texto. Por isso mesmo, o somente o aparecimento da coletânea não é garantia para que o candidato escreva um texto abordando o tema exigido de maneira satisfatória.

Além disso, ao disponibilizar uma coletânea de texto em sua prova de redação, a instituição, de certa forma, direciona o discurso do candidato e prevê certo projeto de dizer e não outro. Mais do que isso, a Universidade demarca, delimita até onde o candidato deve ir. (MARQUEZ,2007). É importante frisar que, todos nós, como professores, fazemos isso. Quando instruímos o nosso aluno acerca do desenvolvimento de uma produção textual, orientando sobre a maneira como pode desenvolver o texto e até mesmo quando fornecemos um tema e as condições produção, estamos, de certa forma lhe delimitando o espaço discursivo.

Assim, não basta apenas decodificar letras e sim ressignificar o discurso, transformar o lido em algo em algo que pertence ao autor que, antes de mais nada é alguém que tem um projeto de dizer e que também tem ciência de que a leitura é um processo que vai fazendo sentido ao mesmo tempo em que a interação e articulação entre a voz do autor e todas as outras presentes no texto se estabelecem

Referencial

ABAURRE, Maria Bernadete Marques, FIAD, Raquel Salek, MAYRINK-SABINSON, Maria Laura Trindade. *Cenas de aquisição da escrita – O trabalho do sujeito com o texto*. Campinas: Mercado das letras, 2001.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução por Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. /VOLOCHINOV. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na ciência da linguagem*. Traduzido por M. Lahud e Y. F. Vieira. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

GINZBURG, C. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Traduzido por F. Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.143-179.

MARCUSCHI, L.A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 8. Ed. São Paulo: Cortez,2007.

ⁱⁱⁱ A tabela 2 é uma reprodução parcial daquela que é disponibilizada pela UFG, no que diz respeito aos critérios de correção da redação. Aqui foi reproduzido apenas o trecho que se refere ao item “b” do quadro geral, intitulado *Adequação à Coletânea*, uma vez que é esse meu foco de análise. Essa reprodução foi necessária para que se pudesse compreender melhor a tabela 1

Na tabela 1, explicito os critérios de seleção e as quantidades adotadas para a composição do *corpus* de pesquisa. Como se pode notar, a descrição de cada desempenho (nulo, fraco, etc.) foi omitida; o que justifica a apresentação da tabela 2.

